

A VIDA DOS ESCRAVOS NO RIO GRANDE DO SUL

DEPOIMENTO DE ANTENOR SILVEIRAS A MARIO DALLA VECCHIA

RESUMO

Antenor Silveiras, filho e neto de escravos da região de Pelotas, no Rio Grande do Sul, relembra fatos que viveu ou lhe foram relatados por seus antepassados, fornecendo um interessante painel da vida dos escravos no Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: escravidão; Rio Grande do Sul; pesquisa oral.

SUMMARY

Antenor Silveiras, son and grandson of slaves from the Pelotas region of Rio Grande do Sul, recollects incidents that he himself experienced or that were passed down to him by the older generation, offering an interesting portrait of slave life in Rio Grande do Sul.

Keywords: slavery; Rio Grande do Sul; oral research.

O depoimento abaixo faz parte de um documento de Pesquisa Oral composto de 32 entrevistas realizadas com descendentes de escravos rurais de dezoito municípios da região Meridional do Rio Grande do Sul. Somam-se as 387 páginas de relatos que se referem aos aspectos econômico, político, educativo, familiar, recreativo, e religioso do período escravista do Rio Grande do Sul. Os depoentes foram entrevistados a respeito de suas experiências pessoais vividas nos mesmos níveis das relações sociais. O documento foi elaborado em vista da dissertação de mestrado que visava reconstituir a história da escravidão regional através da memória oral dos descendentes de cativos das estâncias e, em segundo lugar, sistematizar a história da comunidade negra dos descendentes a partir de suas próprias lembranças. Iniciamos o trabalho de entrevistas em 1990 e o concluímos em 1992. A dissertação foi defendida em 4 de dezembro de 1992. Neste contexto realizamos as entrevistas com essas pessoas idosas. Soma-se um variado e rico material para pesquisa, uma vez que cada depoimento refere-se de modo distinto e com experiências singulares aos mesmos aspectos da vida social no escravismo e no período pós-abolicionista até hoje. Mais de 50% dos entrevistados morreram de 1990 até hoje. É urgente que se entreviste e se registre a experiência de nossos idosos. A riqueza de sua experiência pode

desaparecer a qualquer momento. Chamamos a atenção dos leitores para o fato de que, de acordo com as técnicas de pesquisa oral, mantivemos as expressões utilizadas nas entrevistas a fim de manter a fidelidade do pensamento dos depoentes.*

Antenor Silveiras, 77 anos, é morador na rua Guararapes, número 155, Pelotas, RS, ao lado das ruínas de uma residência escravista situada em frente ao Museu da Baronesa. Proprietário de dois hectares de terra naquela área, Antenor foi encontrado pela primeira vez cultivando uma pequena roça de feijão e outros cereais com os quais ajuda no sustento da família. Saudado a distância, recebeu-nos com satisfação e alegria e imediatamente nos acolheu em sua casa. Alegre, inteligente, descontraído, não lhe falta conversa. Com muita disponibilidade, prontificou-se a prestar seus depoimentos depois de entender nossos objetivos. Na segunda-feira da semana seguinte daquele mês de dezembro de 1990, recebeu-nos com a mesma satisfação e prazer. Durante três horas, o depoente falou da escravidão e sobre a vida do negro após a Abolição. Antenor é filho e neto de escravos. Seus pais e seus avós foram escravos da família Pedroso, de Piratini, conhecida pela sua participação nas revoluções de 1893 e 1923. Antenor mora com a mulher e filhos numa casa contígua às ruínas de antiga residência de senhores de escravos da qual ocupa algumas peças. Sua mulher auxilia no sustento da casa trabalhando de safrista nas fábricas de conservas em Pelotas.

Nas terras próximas àquela residência, Antenor encontrou objetos e ossadas, que acredita terem sido humanas do tempo dos escravos, aos quais não deu importância. (Mario dalla Vecchia)



Qual o seu nome e sobrenome?

Antenor Silveiras. [...] 76 Anos.

O senhor nasceu onde?

Em Piratini. [...] Na Ponte do Império.

O senhor teve pai e mãe, avô ou avó, que foi escravo?

Tive. Pai, mãe foi escravo, o avô foi escravo, tudo passaram por isso. [...] a minha morreu com 95 anos, meu pai morreu com 115 anos¹, minha mãe morreu com 88 anos. Agora perdi um também ele ainda le cansô^a por esse tempo, perdi ele com 100 anos, chamava Gregório (ha, ha).

Tá bem ! Onde que foram escravos os seus familiares?

Em Piratini mesmo.

E o senhor lembra a fazenda, a família onde eles trabalharam?

Me lembro. [...] Era na... família dos Pedroso². É, com os Pedroso.

São famosos?

Famosos. É verdade. Todos eles trabalhava com esta família. E, aí tem prá lê contá, em 93, u, depois que terminô a guerra³ ficô os prisioneiro. Então, nesta casa que hoje, lá tem um figueirão muito lindo, uma casa de

(*) Exceto nas perguntas do entrevistador, cuja grafia foi corrigida, objetivando facilitar a leitura. Pequenas interferências durante as respostas do entrevistado que foram omitidas aparecem indicadas com reticências entre colchetes (N. E.)

(1) Chamamos atenção dos leitores para a necessidade de relativizar a idade que é atribuída pelos depoentes aos antepassados ou a si próprios. Pelos conhecimentos da medicina sabe-se que uma pessoa pode atingir no máximo 105 anos de idade. O controle das doenças exógenas permitiu o prolongamento da vida do homem moderno. Contudo, não evoluiu o controle das doenças endógenas que se referem particularmente às condições naturais do organismo humano.

(a) Inda le cansô: ainda lhe alcançou.

(2) A família Pedroso era pertencente à elite de estancieiros do município de Piratini. Muitos elementos desta família tornaram-se famosos pela participação política local e seus envolvimento na Revolução Federalista (1893-5), que ocorreu nos últimos anos do século passado, nos estados sulinos, especialmente no Rio Grande do Sul. Desde os tempos da Revolução Farroupilha, as elites do Rio Grande dividiam-se. Uma parte ficava fiel ao governo e outra posicionava-se contrariamente. Nos movimentos de 1893 e de 1923, a família Pedroso posicionou-se ao lado dos governistas.

(3) A Revolução de 1893, chamada Revolução Federalista, dividiu as elites gaúchas.

pedra perto da CEE [Companhia Estadual de Energia Elétrica], perto de Bagé, aquilo lá só criam urtiga lá, não criam nem pasto prá tapá o sangue, nadava um cavalo em sangue. Em quarquê lugar nadava, do pessoal que tiravo dali e [foi desgravada acidentalmente uma parte da fala] era passado da mangueira, sítio do Rio Negro.

E quem é que participou, algum familiar seu participou desta briga?

Ah, o meu pai, o meu irmão mais velho esse, tamém, e... o outro pessoal da família tamém. O meu avô tamém, tavo nesse sítio do Rio Negro⁴, tamém. [...] Eles ficaro sitiados tamém, dispois, eles tiravo cada um daquela ordenança, tiravo um prisioneiro daqueles pra se salvá. [...] Da minha gente só se salvou o meu pai. [...] O avô foi morto lá, foi morto. [...] por lá, morreu oito da família, morreu lá no sítio do Rio Negro.

E como é que eles acabaram participando desta guerra?

Ora, eles saíro, eles foram levado, né. Aí quando sobrô, que treminô, que sobraro aquele pessoal foram tudo prum sítio, num mangueirão de pedra⁵, que inda tem até hoje lá, senhor não conhece?

Não conheço, e já ouvi falar muito.

É, é muito falado, então eu fui levá gente prá CEE lá, aí eu peguei a indagá porque o meu pai falava, eu era pequeno escutava. Eu digo: eu quero conhecer esta mangueira de pedra. Aí um dia falando com uma pessoa antiga me falô, diz: "óia é lá naquele figueirão muito lindo". Eu fui lá pra tomá conhecimento, aonde foi que mataro o pessoal. Aquilo lá era um encanto: chegava de noite, aí pelas sete, oito horas, o quartele tocava. Ficô um incanti^b do pessoal que matava. Até a pouco tempo depois, quando saiu a federal, eles tiraro muita espada, sincerro^c enterrado de bronze, que tinha ali onde matavam aquele pessoal, iam enterrando.

O senhor tem idéia, mais ou menos quantos foram mortos?

Ah, naquela época, aquilo mataram muita gente, o senhor vê que era tanta gente que do sangue fez uma lagoa. O senhor nunca ouviu fala da lagoa vermelha? [...] A lagoa vermelha era uma baeta^d, de longe, uma légua de longe o senhor enxergava aquela lagoa que ela se formou do sangue. Então, até hoje tem o sinal, o nome na lagoa vermelha: Lagoa Vermelha.

Ela fica bem próxima à mangueira, né?

É fica, fica, pois é.

O senhor teria observado ainda alguma ossada por acaso por lá na volta ou não?

Ah, naquela época que eu trabalhei na companhia se achava cabeças, canela. Canela nunca tremina, cabeça e canela nunca tremina. Eu achei uma cabeça que tinha até os dentes (ha, ha), tinha os dentes dum escravo, tinha toda a dentadura, bem firme. [...] na volta da mangueira.

E a sua gente lutou do lado dos maragatos ou do outro lado?

Era contra os maragatos.

Então, foram os maragatos⁶ que prenderam a turma inimiga, né?

É, foi, é foi que prendero a turma inimiga.

E o seu pai falou de algum nome importante, de alguma figura importante daquela guerra?

(4) O Cerco do Rio Negro caracterizou-se como um dos episódios mais sangrentos e violentos de todas as guerras e revoluções que ocorreram no Rio Grande do Sul. No local chamado Hulha Negra, nas proximidades do rio Negro, uma facção das tropas governistas foi cercada e aprisionada em uma mangueira de pedras e durante horas de terror centenas de homens foram laçados, imobilizados e friamente degolados. O fenômeno da degola não ocorreu somente naquela localidade durante a Revolução de 1893. Ela ocorreu em outras localidades do Rio Grande do Sul. Esta prática, em menor escala, ocorreu na revolução de 1923.

(5) Mangueira de pedra é uma espécie de cercado construído com muralhas de pedra irregular encontrada na serra dos Tapes. Era usual a construção destes tapumes durante o século passado. Utilizava-se a mão-de-obra escrava. As vezes esta muralhas estendiam-se por vários quilômetros.

(b) Um incanti: um encanto.

(c) Sincerro: pequeno sino.

(d) Baeta: tecido felpudo de lã.

(6) Maragatos era a denominação atribuída à facção da elite gaúcha que lutava contra as forças do governo e a favor do federalismo, na Revolução de 1893.

Ora, naquela época, o comandante esse, que tirô ele, o Antônio Pedroso, ele era o comandante dele. Então, ele foi que salvô, o coronel Pedroso esse, que tirô ele quando ele tava, salvô no meu pai na guerra, no sítio do Rio Negro.

Escuta, e como é que faziam pra matar essa gente?

Ah, eles tiravo eles de dentro da mangueira e laçavo, e o outro pegava ele pro queixo e degolava.

Era degola?

Era degolado, era degolado.

E não teve um homem⁷ destes que foi famoso na degola ali neste sítio?

Foi, foi muito falado. Teve um que eles não mataro ele, mandaro soltá, laçaro ele e ele veio berrando direito a faca, tropelando como um boi brabo, veio atropelando, e ele disse: não, esse homem não mata, esse solta. Aí o meu pai tirô ele do laço, aquele não era pra matá, um homem que veio direto à faca berrando como um touro, esse não é pra matá, não matô o homem.

Tá bom. Eu queria perguntar mais especificamente sobre os escravos. O seu pai e a sua mãe trabalhavam de escravos, seu avô também. O que é que eles contavam, de como eram tratados os escravos naqueles tempos?

Ah, eles falavo que era muito sofrido, assim pra fazere o serviço, fazio o serviço não davu comida. Qualqué cosa tinha um chicote, pegavo, davu com aquele chicote até o sangue esguichá. Tinha uns pra dá nos outros. Por hipote, aqueles da canela grossa, aqueles não prestavo. O negro da canela fina, o escravo da canela fina, aquele é que era bom. Aquele servia até pra tirá cria aquela coisa. Tinha empregada boa, uma nega boa, então aquele é que levavo ele pra tirá a família com aquela empregada que tinha, aquela escrava.

E isso eles faziam na própria fazenda, com um escravo da fazenda e uma escrava?

É, com uma escrava.

E eles emprestavam, às vezes, para outros fazendeiros ou não?

Emprestavam, emprestavam, às vezes emprestavam pra outros que precisavam. Se eles queriam tirá um nego bom, um escravo bom, aqueles da canela fina, então emprestavo aquele reprodutor. Ele ia lá, tantos dia, tirava lá, fazia a empregada e ia embora (ha, ha).

Tá bem. E quantas horas os escravos trabalhavam por dia?

As vez, não tinha hora pra trabalhá, trabalhavo o dia e muitas vezes tinha a noite. Era castigado, era castigado, não tinham descanso, não tinham descanso. [...] Comiam com o prato na mão, era com o prato na mão, tinha uns minuto. Guspiam no chão e enquanto se sumisse o... tinha que enquanto tivesse o guspe tivesse aparecido tinha que comê, e já tava pronto prá trabalha, arranca pedra, era o serviço deles vivê no campo, fazendo valo e fazendo cerca de pedra, era o serviço deles.

E trabalhavam pra cuidar do gado também ou não?

Ah, cuidavo, cuidavo, aqueles escravo, na época do verão, uns carregava comida pra uns numa lata, numa lata levava numa sombra porque

(7) Adão La Torre foi líder de um piquete de guerreiros maragatos que executou, pela degola, centenas de governistas no Cerco do Rio Negro.

eles nem vinham em casa e lá mesmo eles ficavam, trabalhando, só vinham de noite, chegava de noite ainda tinha serviço na volta da casa que fazê, senão, o pau comia (ha, ha) o pau comia.

E, às vezes, então batiam nos escravos?

Ah, batiam, davam, davam muito! [...] Batiam por qualquer coisa que não se agradasse, já eles tava, tava dando, dava muito, cortavo o cabelo com... com coro e tudo, pegavam a faca e cortavam o cabelo.

Isso o seu pai contou que faziam?

Ah, isso ele contava, contavam que faziam. Ah, ele diz que era duro, era dureza, senão ia pros palanque, ia pro pau de arara. Lá eles atavam, e lá batiam até se agradá, depois tiravam dali e levavam prum tanque e mandavam dá um banho de salmora. Tinha muitos que não aguentavam, morriam. [...] Morriam. Tinha umas argola, metiam as mãos deles lá em cima e atavam ele lá pra podê batê.

E essas argolas ficavam no tronco?

No tronco. No tronco.

Tinha algum outro nome que davam pro tronco, lá nas fazendas?

É, tinha uns que tratavam o pau de arara.

É, mas o pau de arara não era um pau que amarravam atrás das pernas com os braços cruzados ali dentro?

É, é este.

E algum escravo chegava a se suicidar, por causa da situação que estava?

Ah, chegava. Tinha muitos que não esperavo, se matavo. Como aqui mesmo, teve um que se atirô dentro do poço, da água. [...] É, nesta casa. Se atirou dentro d'água, morreu. [...] Ah, deixô uma criança caí, e já iam botá ele pro tronco, pra batê, ela pegô e se atirô na água, se matô. Uma escrava.

Quantos escravos chegou a ter nesta casa aqui?

Aquí chegou a ter catorze escravos. [...] Catorze escravo. Esta mulher que eu conto, esta índia que tinha catorze anos, que tá com 114 anos, ela era empregada aqui também, passou por isto aqui.

Tá bem. Outra coisa que eu quero lhe perguntar: o que plantavam nessas fazendas? O que que produziam?

Naquela época, eles não tratavam de plantação, não tratavam. Só tratavam de criá porco, cabrito, essas coisa assim. O mais era carreta, pra carregá pedra, pra fazê mangueirões de pedra, cercas de pedra. Era o trabalho que tinha, era isso aí. [...] Tinha bastante gado e aparecia o tropeiro que comprava pras charqueadas. [...] É, aparecia os tropeiros e então vendiam aquela tropa, apartavam aquele gado que já tava já de corte, apartavam e então era vendido pro matador que já tinha aqui em Pelotas, como aquele em Pedro Osório. Eles viajavam 24 dias com a tropa de gado, peru, tudo pela estrada afora.

Quantos tropeiros vinham com uma tropa destas?

Oito tropeiro, oito tropeiro, uns ponteiros, é porque o gado era naquele tempo era muito brabo, naquele tempo não desaspavam^c como hoje, quando chegô a seis mês, foi desaspado. No dia de marcação, desaspô

(e) Desaspar: tirar as aspás, ou seja os chifres.

o gado. Agora, naquele tempo era tudo com aspo que vou lhe dizê, cada guampa^f de boi que era! Um boi tranqueiro^g, que falavam um boi tranqueira. Então vou lhe dizê, existia muitos tropeiro naquela época. Tamém só aquele que era o ofício deles, chegavam entregavam uma tropa aqui, já quando eles chegavam já tinha outra pra trazê. Eu também fui tropeiro muito tempo. [...] Ah, foi, muitos anos, muitos anos.

(f) Guampa: chifre.

(g) Boi tranqueira: boi que não anda e fica atravessado.

Depois, o senhor vai nos contar a respeito, por enquanto vamos falar dos escravos. Havia algum escravo que fugia?

Tinha, tinha escravo que fugia. [...] Aí, quando eles pegavo aquele escravo, que eles descobriam, mandavam matá. [...] Não, não sobrava, aquele mandavam matá, aqueles mandavam, aqueles não escapavam. [...] Matavam no mato. Tinha um escravo, pra se salvá, tinha um cadáver de um cavalo morto, dentro do mato, tava cheio de bicho, ele ganhô dentro daquele cadáver daquele cavalo. Se salvô. Eles campiam^h que viraro o mato e não acharo ele. Se salvô, dentro do... [...] Do corpo do cavalo (ha, ha), tá vendo? Isso eles contavam.

(h) Campiam: andaram pelo campo procurando.

E tem alguma outra história, assim, desses casos de escravos fugidos?

Tinha. Tinha um escravo que ele tinha fugido, iam matá ele. Ele nadava muito, disparava e ele se atirava em qualquer arroio e saía lá do outro lado, tinha uma... ele sempre carregava uma gaita velha e, então tinha os contos antigo que numa sexta-feira santa, o indivíduo espera numa encruzilhada pra aprendê a tocá, ele despedaçava, desmanchava aquela gaita e imendava ela e seguia tocando, aquele não mataro ele, diz: não esse não pode, não é pra matá, é home que até é encantado, ele desmancha essa gaita, se atira na água atravessa lá do outro lado, pega, chega lá, arma a gaita velha e sai tocando, aquele não mataro, o nome dele se chamava Fortunato.

E alguma história, assim, de escrava que ficou grávida, como é que eram as histórias das mulheres quando ficavam grávidas?

Ah, elas se ficasse grávida do patrão, do próprio, aquela era cuidada, não matavam ela, senão se nascesse e fosse de canela grossa, mandavam matá, eles mandavam matá, aquele não se salvava. Era assim, é, era sofrido. O meu pai e a minha avó, contavam, choravam, porque era triste, era muito triste.

O senhor se lembra de algum outro caso concreto de escravo ou escrava que eles tenham contado?

Devia eu vê se me alembro pra contá, eu tenho muita coisa pra contá, mas as vezes não me vem assim, presente, assim.

O que que os escravos comiam, qual era o alimento deles?

Naquele tempo era farinha de mandioca, farinha de mandioca, preparavam fervido numas latas, tinha um panelão grande, cozinhavam ali e depois mexiam farinha de mandioca e as... as... os pratos eram umas gamelas de... [...] De madeira, de figueira e ali... [...] A colher também era de guampa, tudo comiam ali, tinha que comê, o que comesse e fosse lerdo pra comê, aquele não comia, tinha que comê ligeiro, comê ligeiro porque tinha que trabalhá. E as colher eram de guampa, faziam as colher de guampa pra...

O senhor chegou a ver algum objeto desses?

Cheguei, a conheci, colher de guampa, prato de fogueira, isso tudo passô por mim, tudo já passou por mim. Era assim.

E como é que a comida deles era feita, onde?

Eles tinham fogão a lenha, faziam, agora, os escravos, a comida deles era numas trempiⁱ, tinha umas trempi de rodas de carroça, faziam, botavam umas pedras e atravessavam com aquelas trempi de ferro e ali botavam o panelão, senão era uns gancho, cravavam uma forquilha e faziam tudo aquela carrerinha de gancho e ali aquelas panelas lá naquele gancho, ali. [...] Em riba do fogo. E a lenha de gruera^j mesmo tá queimando ali, os nego tem que cortá lenha pra trazê. [...] Eles mesmo. Tem que trazê lenha pra tê lenha aqui pra, pra fazê a comida, pra comê.

(i) Trempi: arco de ferro sustentado por um tripé sobre o qual se assentam vasilhas que vão ao fogo.

(j) Gruera: espécie de árvore.

Que instrumentos eles usavam naquele tempo pra trabalhar?

Naquele tempo era machado, enxada e foice. É, enxada e foice. Umas cavadeira, mandavam fazê as cavadera, que tinha um cabo de pitangueira bem grosso, aquilo lá tudo era bem pesado, uns maio, as marreta, aquilo era uma coisa muito estúpida e grande que era pra quebrá a pedra. Era pra quebra a pedra.

Então tinha aqueles que tinham a tarefa de quebrar pedra, sabiam quebrar pedra direitinho?

Quebravam direitinho, cortá pedra também.

O que o seu pai fazia lá na fazenda?

Ele era um que mandava os outros, ele sabia, ele que conhecia. Então tinha um pra mandá, mandá os outros era o que eles fazia, era mandá. [...] É, ele que chefiava, o nome dele se chamava Domingo.

Escuta, e ele chegou a apanhar, por exemplo, alguma vez?

Chegô.

Ele tinha alguma marca no corpo?

Tinha. Tinha marca no corpo. [...] Ah, aquilo era todo cortado de arrame, todo cortado. Ele foi um homem que morreu com 115 anos, ele era todo furado de bala. Tinha toda a dentadura, ele veio morrê de velho. Não morreu da...

Mas onde é que ele foi baleado?

Ah, isso na guerra, quando ele ia levá aquela força, tavam com muita sede e pegavam uma pipa d'água e arrastavam com um cavalo, quando ele ia pra chegá na força eles furavam ele tudo, ele era todo furado a bala. Era todo quebrado. Nas costas, nas pernas, ele tinha marcas por todos os lados. [...] De apanhá, era todo cortado. Era todo cortado. No rosto também, era todo marcado, tinha a cara toda marcada de chicote, naquele tempo era o rabo de tatu que tratavam. Ele me falava pra mim, era o rabo de tatu.

E tinha um número de chicotadas que davam assim, ou não?

Era contado, era contado, era contado sim, por hipote, quinze ou vinte chicote, ele tava dando, tinha a marreta pra dá, e ele tava contando, não é o que tava dando não contava, ele lá é que... [...] Então aí, quando chegava no último laçasso ele dizia que parasse.

E a negra também apanhava?

Apanhava, apanhava também.

Tinha escravos que trabalhavam dentro das casas?

Trabalhavam. Tinha aquelas que eram lavadeira, que eram cozinheira, trabalhavam. Aquelas especial, que eram pra trabalhá dentro de casa, aquelas que não era, era pra trabalhá na rua. [...] É, as mais bonitas, é, eles escolhiam, escolhiam aquelas mais linda. Então, aquela trabalhavam lá dentro de casa porque eles... se serviam dela também. [...] Se serviam delas também.

E de vez em quando aparecia filho?

Aparecia filho.

E esses filhos como é, ficavam escravos ou ficavam....

Ficavam escravos. [...] É, os mulatinho, se criavam ali, escravo. Outras vezes eles vendiam também. [...] Pra outras famílias.

E que outras tarefas tinham dentro de casa? Além de lavar, limpar etc., cozinhar?

É cozinhá, lavá, arrumá a casa, tudo isso era serviço da...

Como é que chamavam o dono da casa, a dona da casa?

Ah, sinhô, era sinhô. [...] sinhá, era tudo assim (ha, ha).

O seu pai ainda usava estas expressões quando falava deles?

Ah, eles usavo, usavo, sinhô e sinhá. Era ansim, e Deus o livre que não usasse essa palavra. O meu sinhô. "É isso e isso é pra fazê" e já mandavo ele pro tronco. Mandavo ele lá pro tronco pra batê. Era brabo. O senhor não conheceu o tronco que tinha aqui na baronesa⁸? [...] Teve isso aí. Bem do lado de cá. Isso foi desmanchado tá fazendo dois anos. Não sei pra que que eles tiraro o tronco dali. Eu ia pra lá todos os dias pra olhá o tronco lá, ali embaixo das árvore bem na ponta de cá do mauseu, aqui. [...] É, embaixo da árvore, no mauseu aqui, do lado de cá, ali o senhor chegando lá, ainda dá pra batê ali alguma coisa, eu lhe levo lá. Eu le levo lá.

Escuta, o tronco aqui nesta casa, o senhor falou que tinha um tronco aqui, como é que ele era?

O tronco aqui era um tronco de madeira, mas por fora, ele era todo caiado de cimento, de cimento, tinha com... como é que eu vou lhe dizê, com uns garfo, uns garfo do lado, não sei pra que que eles botavo aqueles garfo, que tinha no tronco. [...] Talvez fosse pra passá as cordas. É, talvez fosse.

E tinha alguma corrente, alguma argola ali no tronco?

Tinha argola, tinha argola, de levantá o cara pra cima e metia a mão deles na argola.

A argola ficava no alto?

É, no alto. Em cima. Lá em cima. Isso tudo eu conheço.

E esse tronco aqui dessa casa desapareceu, como é que foi que ele sumiu?

Foi indo, foi indo. Eu acho que naquele tempo tinha muita carroça, andavo viajando de carroça na volta da casa, uma carreta que tinha ali, acho que quebrô, quebrô e foi indo, aquilo ninguém fazia caso. E desapareceu aquele tronco. [...] Era muito lindo.

(8) Refere-se à residência escravista do século passado, no Bairro Areai, hoje transformada em museu do Parque da Baronesa em Pelotas.

Como é que os escravos se vestiam? Como é que eram vestidos os escravos?

Eram vestido, naquele tempo era camisola, era uma camisa de saco, bem cumprida. E não usavo calça, era uma camisola. [...] É uma camisola por cima. [...] tanto homem como mulher. Era um saco, abrio um saco em cima, bem comprido...

Onde é que ficavam alojados os escravos?

Os escravos ficavo alojados nos fundo, tinha uns garpão, então ali é que eles se alojavo. Então, quando era pra se acordá, eles precisavo de escravo, ele tinha um sincerro, sacudiam aquele sincerro e já todo mundo se alertava, tudo vinha sabê do sinhô, o que é que ele queria, quem que ele queria falá, e ele dizia: "é fulano ou fulana que venha cá que eu quero falá". Aí, ele precisava daquela escrava na noite, ele dizia: "é esta, passa pra lá pro meu quarto". Ela tinha que passá. [...] A sinhá, ela também tinha o escravo dela, aquele que ela gostasse, também tinha o dia do negro... [...] Passá a noite com ela. Isso aí, senão saíam prus mato, eles iam levá elas nas cocheira, onde tinha água corrente. Então ele chegava lá, ela chegava lá mandava ele tomá um banho, se lavá bem lavado, pra depois veraniá lá no mato. Era isso aí. Tinha uma das escrava, uma senhora que ela morreu com 99 anos, ela me contavo, dizia: "Olha Antenor, era triste", essa passô por um tempo sofrido, ela trabalhava com a família dos... dos Amaro de Freitas, dos Amaro de Freitas. Então ela dizia que sofreu muito, sofreu muito e o marido dela depois foi pra guerra e ela teve que ir pro cativeiro. Aí recolhero ela, levaro, ela morava sozinha naquele tempo, aquelas casa de palha, feitas de torrão. Aí levaro ela, recolhero pra lá, mas ela tomava muito pau, apanhava muito, porque o marido dela tinha sido na revolução, foi contra eles.

Contra os Amaro?

É, contra os Amaro estes, então por isso que ela sofria, cortavo o cabelo dela a faca, davo nela, ele veio morrê de véinha.

Ela chegou a mostrar algum sinal das cicratizes?

Mostrava. Ah, tinha o corpo, ela mostrava, era cheio de vergão, de apanhá com aquelas de ferro, davo com ferro. Era toda, a cabeça dela era toda fundiada, tinha buracos na cabeça do porrete que ela levava. Está eu vi.

E esta contava que o dono também se aproveitava dela?

Se aproveitava dela. Se aproveitava. [...] Ah, ela contô que logo os primeiros tempo, ela sofreu muito porque ela não queria se entregá, mas depois ela viu que, que era bobagem dela não querê se intregá porque aí ela sofria mais, até que um dia ela resolveu tê que se entregá, o qué que ele queria pra não tê que apanhá mais, aí ela não apanhou mais.

Ela teve filhos com o sinhô?

Teve. Teve filho. Oito filho. [...] É, se tornaro escravos.

O senhor conheceu também algum dos filhos dela?

Conheci. Conheci. [...] Eram mulatinhos, eram mulatinhos, tinha um que tinha o apelido de Pena. [...] era Pena o nome dele, não sei porque

botaro o nome dele de Pena. Não sei se ele tava apanhando e disseram: Tô com pena dele! Então ficô com o nome de Pena e morreu com o nome de Pena, morreu homem véio, e morreu com o nome de Pena sempre.

Os filhos dela vieram a trabalhar aqui em Pelotas?

Trabalharam aqui em Pelotas. [...] Nas charqueadas⁹. Na charqueada Pedro Osório, eles trabalharam muitos anos aí comigo, aí na charqueada. [...] trabaiô cinco deles aí na charqueada. Na charqueada Pedro Osório.

E algum outro caso, assim de escravos e escravas que seu pai tenha contado? Dele mesmo, alguma história assim, não lembra?

Ele, se lembra que tinha uma escrava, as escravas não podiam embarrigá dos próprios escravo. Ela embarrigô e aí, como é que ele pode fazê prá defendê ela. Aí, ela tirava leite, ela foi pra mangueira e tinha um ternero^k muito brabo e ela fez que se enredô na soga do barbante na barriga, então o ternero saiu com ela de arrasto, então ela abortô o fio. Tudo insinado. [...] Aí, o meu pai foi que ensinô ela, que que ela tinha que fazê: tu laça aquele ternero que o ternero é brabo, o ternero vai dispará, tu enreda a soga na corda de barbante na cintura que o ternero te machucá e tu bota o filho fora; ela botô o filho fora.

E por falar nisso, os escravos podiam ter família? Como é que era isso de homem, mulher?

Eles podiam tê, com a sinhá eles tinha...

Com a sinhá e com o sinhô?

É tinha.

Mas e com as outras escravas não podiam?

É, eles tinha, mas aí não...

Não podiam ter família mesmo?

É não podia, não podia tê família.

Escuta, o cara tinha filhos com uma, com outra também?

É tinha.

E como é que nasciam os meninos escravos, filhos de escravos? Onde que nasciam?

Tinha uma daquelas que eram partera. Quando tavo doente, que elas tavo pra adoecê, tinha um sinal pra adoecê, então aquela tinha uma pra cortá o umbigo das criança e... e lavá. Mas aí não io pra cama, ganhava os fio e seguio trabalhando! [...] Ganhavo os fio, tinha uns garpão delas, as... a cama delas lá, ganhavo então, io pra cama, ganhavo. Aquela que era partera, ela cortava o umbigo, se levantavo dali, se lavava e já io pegá o serviço, i trabaiá, não ficavo em repouso. [...] Tinho que aguenta o tirão, as vez botando sangue. É... é... a minha vó contava, diz: "Pomba! Nós sofria neguinho". Diz: "agora, vocês agora tão se criando, a vida de vocês é bonita, vocês sai a caça, sai pra quarquê lado, nós não tinha vez de saí pra lado nenhum home, visitá uns os outros, não podia, não podia se visitá, era só ali dentro do serviço deles e tomando o chicote.

E a sua vó sabia contar de onde é que ela tinha vindo, como é que é?

Ah, ela contô que não era daqui, ela era do Uruguai. [...] Ela veio de lá, trouxero ela, trouxero vendida, vendero ela, ela foi vendida. [...] O meu

(9) A charqueada foi a principal manufatura que articulou a economia gaúcha do século passado. Na charqueada era industrializada a carne de gado. Funcionava durante alguns meses do ano, no período de safra. Nela era produzido o charque, carne seca que era distribuída no mercado nacional para manutenção da mão-de-obra cativa. A produção do charque era realizada com mão-de-obra escrava e tinha em Pelotas o maior pólo charqueador do Rio Grande do Sul. As charqueadas sofreram um processo de decadência crescente. Desapareceram quando foram substituídas pelos modernos sistemas de refrigeração da carne, nas primeiras décadas do século XX.

(k) Ternero: temeiro, bezerro.

avô era escravo também, ele era minero, era de... Mina Geral,... [...] de Mina Geral, era mino¹, era bem pequenininho, bem baixinho [...] E ele era bem pequenininho, bem pequenininho (ha,ha)... era mino puro, mino puro o meu avô, era minero.

(1) Mina: raça de negros da África.

Escuta, e às vezes os escravos não se combinavam, não se rebelavam contra o sinhô?

Ah, as vez, as vez querio fazê alguma cosa, mas tinha medo.

Alguns deles tentaram matar o sinhô?

Ah, tentaro. O meu avô mesmo... tentô. [...] Tentô, ele diz que tinha feito um... um mundéu. Eles fazio um mundéu. Mundéu que eles tratavo era o... fazio um buraco bem fundo, que ele viesse caminhando e caísse, lá dentro, caísse pra dentro, daquele buraco ali, que eles tratavo o mundéu, mas ele não caiu (ha,ha), ele não caiu. [...] Descobriu. Descobriu. Eles foram pro tronco por causa do... do mundéu aquele, sabê quem é que tinha feito aquilo. [...] Foi todo mundo pro tronco, aí tivero que confessá quem é que tinha feito. [...] enterraro no pau, tivero que contá quem tinha feito aquele mundéu que era pra ele caí no mundéu, no buraco. [...] Apanhô, apanhou muito, todos os dias tinha uma tunda e [...] Por causa disso, do mundéu que ele fez.

E os escravos que conseguiam fugir, onde é que eles iam parar, hein?

Oras, eles fugio mas, sempre tinha alguém que caçava eles e vinha trazê eles de volta. [...] Não tinha jeito. Eles era tudo muito bem broqueado, que eles não descobrio.

Onde é que eles se escondiam, por exemplo?

Ah, eles io pros mato, pra costa do arroio, pra passá de um arroio para o outro lado, vivio nos arroio, assim, aonde tinha caça, que eles desse pra caçá, pra corrê. Lá existe uma corrente num tronco, pra dentro d'água ansim. Eu conheço, tem uma corrente muito grossa, da grossura quase desta linha ansim, pra dentro duma figueira enroscada, um ferro pra dentro duma figueira pra dentro d'água. Aquilo diz que é um baú que tem ali com muito dinheiro. Já tentaro com trator tirá aquela corrente, nem mexê não mexeu, e é fundo e é bem estreitinha, a lagoa é bem estreitinha, aquilo ali é muito fundo, eu conheço onde é.

E o senhor viu a corrente? Ela fica num mato então perto de que, perto de que região?

Aqui, no município de Pedro Osório.

Pedro Osório. E o riacho, o senhor sabe o nome?

O arroio se trata [...] Piratini, [...] aonde é o figueirão esse que tem a tal corrente, se trata no Fernandinho Osório [...]. Era um home muito rico, ainda é. [...] Na estância dele, lá na estância dele. No que entrava lá ele tinha, tinha digolador lá na estância dele. Tinha um cara com nome de Toranca, aquele que era o digolador. O cara não podia entrá lá dentro do campo dele, atravessá lá, que mandavam matá, e a corrente essa é no campo dele.

Quantos escravos tinha na fazenda onde trabalhava o seu avô e o seu pai?

Devia tê uma base de oito, era oito, era oito, é porque eu me lembro dele falá, no nome deles, era oito por causa do nome. O Fortunato esse

também era um que trabalhava na... na estância dos Pedroso. [...] Ah, tinha outros que tinha muito mais escravo, tinha uma vez uma turma de cinco, seis em casa e no campo, no mato, tinha, dez, quinze que era pra fazê o serviço de mato, cortá lenha, outros amassando tijolo. Era feito com os pés, como esse aqui. [...] Amassado. [...] Como esse dessa casa aqui.

E ele era cozido depois ou só torrado ao sol?

Não, era... o cara botava no fogo, queimava 24 horas pra aquele tijolo bem queimado. Hoje o senhor pega um tijolo daqui é capaz de batê aí com uma colher duas horas e não corta um tijolo desses antigo, não corta.

Como é que era a cama dos escravos, onde é que eles dormiam, como é que eles dormiam?

A cama naquele tempo era umas cama de ferro, umas cama muito arta, de ferro, tudo era de ferro. Então, ali o corchão deles era de estopa, era estopa, o trabissero era aquela lã, que morria aqueles animal nos campo, que eles botavo num saco e aquilo é que fazia um trabisseiro. [...] As coberta era de coro de ovelha, as coberta deles era assim de coro e estopa.

E dentro das estopas o que que botavam, no colchão?

Botavo as lãs, de... morria um animal, essas ovelha que morria no campo, mandavo eles lavá e botavo ali pra fazê de coberta e... travissero.

O seu pai e o seu avô eram canela-fina¹⁰?

Ero canela fina, ero canela fina.

O senhor não sabe de que região da África eles vinham?

Aí, eu não me alembro. Eu sabia porque eu perguntava eles muito, eu era muito indagador, e então eles me contavo, o meu pai era da Afi, o meu pai. [...] É, africano.

Então, por onde ele passou pra ir até Piratini?

Ah, aí agora eu não me alembro prá le dizê.

Ele conta do navio onde eles viajaram?

Conta, conta... conta. [...] ficavam amarrados, ah, ele conta tudo isso, ele conta. [...] Ele conta que naquela época ele fez por Porto Alegre, ele fez isso... Tudo por água, ele veio desembarcá aqui em Pelotas.

No Passo dos Negros aí?

É, no Passo dos Negros, mas veio tudo por água, tudo por água. [...] Foi vendido aqui. [...] Ah, se lembrava, contava tudo. [...] de sê comprado ele diz que chegara aí, viero a mesma cosa que uma tropa, vinha aí uma turma, aí quando chegava cada um deles, já trazia um papéle, um escrito na perna ou no braço que aquele já sabia cada um sabia o que ia tirá o escravo, era ansim. Quando chegava aqui os que tavo esperando já sabia [...] Quanto ele valia porque ele trazia já o nome na canela ou no braço, aquele papel.

E ele contou se eles foram examinados aí no porto ou não?

Foro, foro examinado. [...] Ah, agora ieu não... não me alembra, preg... que eu perguntava muito, como é que eles ero examinado aí. É... é talvez fosse... examinavo se tinha os dente bem o...

Se tavam bem de saúde?

Se tavo bem de saúde. Que eles lá, examiná, eles já vinho de lá com bacina, eles bacinavo eles lá preles viajá, era bacinado.

(10) Canela-fina é uma categoria popular pela qual se classificava o escravo como de boa procedência genética e racial. O escravo de canela-fina era considerado como trabalhador mais eficiente e mais submisso e dócil às ordens dos seus senhores. Pertence à ordem do senso comum e não tem fundamento científico e certamente funciona como determinante no processo de produção. Descendentes de escravos mantêm esta tradição oral na medida em que atribuem aos seus antepassados esta virtualidade natural.

E no tempo da escravidão o seu pai já tinha se encontrado com sua mãe ou foi depois que ele casou?

Depois foi que ele casô, foi depois.

Ele foi escravo até que idade?

Ele foi escravo até um... uma base dum 80, [...] ele foi escravo.

Bom. E uma outra coisa também, eles devem ter lembrança, devem ter tido lembrança da festa da libertação, não é? Eles falaram a respeito disso, o que eles contaram?

Ah, isso eles falaro, agora eu não me alembro pra le relatá, mas isto... se a mulher tivesse ela ia me alembrá direitinho, pra le relatá essa parte, mas não vai faltá tempo.

O escravo podia se divertir? Tinha diversão, podia passear, como é que é?

Não, eles tinha baile pra eles, tinha baile deles. [...] É, em casa, tinha baile pra eles se diverti, tinha baile em casa só não podia passeá, ma, as vez se reunio e depois io dançá.

E a música?

Aquele cada um tinha uma [...] eles fazio de bambu, [...] As flauta, de bambu pra... aquela era a música deles. [...] A... dança deles era tudo diferente, a mesma coisa que agora as terrera, a dança deles era aquilo ansim. [...] Batucavam, batucavam muito, é muito, naquele tempo o escravo era muito batuquero¹¹ (ha, ha), muito batuquero, é muito batuquero.

Eles traziam isso lá da África, né?

É trazio, trazio, trazio de lá, muito batuquero. Sabio fazê um batuque, as vez eu vejo tô me lembrando, era isso que tá aí, vestido bem rodado, pegá um vestido e dançá, e dançá um tango afigurado, eu cheguei a conhecê.

O senhor nasceu lá nessa fazenda onde o seu pai trabalhou?

Nasci, nasci bem perto, nasci bem perto.

O seu pai e sua mãe, o seu avô ainda vivia quando terminou a escravidão?

Quando terminô ainda era vivo, era vivo.

E pra onde é que eles foram?

Eles, aí eles ficaro caminhando, quando se libertaro, eles ficaro zanzando, aí fora arrumando lugar pra morá, aquela cosa. E aí ficaro tendo a vida deles, mas aí duraro poco, tavo muito sofrido, duraro poco. [o pai] durô poco, tava muito sofrido.

Sim, mas seu pai, o senhor falou que ele durou 115 anos, né?

É 115 anos. [...] Tá fazendo oito ano que ele é morto, oito ano.

Quantos filhos ele teve?

Teve oito filho. [...] Teve um que eu perdi agora com cem ano. [...] Que se chamava Gregório.

Me conta uma coisa: e a religião dos escravos como é que era? Era uma, era uma religião diferente, dos africanos mesmo, ou... O que é que o seu pai contava sobre isso?

Ora, sobre isso, eles, aí eu... essa parte eu não sei relatá, aí eu... não me alembra pra relatá, ele me contava como é que era, mas aí eu agora não...

(11) Batuque constitui a primeira e principal expressão religiosa dos escravos do Rio Grande do Sul, desde a chegada dos primeiros cativos. A semelhança do que ocorre na Bahia, em relação ao Candomblé, no RS encontramos inúmeros terreiros de Batuque. Muitos descendentes de escravos articulam-se religiosamente através do Batuque. No século XX, chegou ao Rio Grande do Sul a Umbanda, que congrega também muitos elementos da comunidade negra nos seus centros e associações.

O seu Antenor, eu percebi hoje que o senhor benze né?

Benzo, é. [O pai] Benzia. [...] minha mãe era benzedera tamém, o meu avô tamém, era benzedor. [...] eu faiz a base de sessenta ano que trabaio, dô remédio, faço curas, pa quarqué tipo de doença. [...] Ih... eu acho que eu curo mir pessoa por ano. Aqui me vem gente até de São Paulo, vem aqui nessa chopana, pra eu curá. Dotores que tem filho desenganado que nem cura, vem trazê aqui presse nego véio, o nego véio cura. Agora mesmo quando o senhor chegô, chegô aquela senhora...

Aquela senhora né? Tá, e o senhor faz remédios de... ervas?

De ervas, faço remédio de ervas.

E existe algum santo especial assim, que... que é invocado nessa bênção, como é que é?

Olha, isto aí a gente já trás, eu mesmo já penso que trago isso já... já de berço. Eu sempre procurei a me concentrá num copo d'água e enxergá... as coisa, agora negócio de batuque eu não gosto, nunca fui batuquero, o meu causo é de concentração, me concentro e tenho a resposta.

Agora eu quero saber como é que foi a história do negro depois da libertação. Pra onde que foi a turma né, depois que terminou a escravidão. Eles abandonaram a fazenda?

Aí abandonaro a fazenda. Aí saíro a caminhá. Aí encontravo uma casa pra trabaia e eles foro trabaiaando até o dia que eles casaro ou se amigara. Aí eles procurara a tê a casinha deles. [...] É, se amigavam, se amigavam. Naquele tempo não casavo, era amigado. Se agradavo um do outro, tava feito.

E onde é que seu pai trabalhou depois, assim, da escravidão?

Depois da escravidão ele foi... sordado, foi sordado muitos ano. [...] Aqui no Capão do Leão. [...] Da brigada, da brigada. Trabaiaava prum Brião.

Bem. E o senhor trabalhou onde quando era novo, por exemplo? Como é que é a sua história, assim?

Ah, a minha história, eu trabalhei no Joaquim Oliveira.

Quanto tempo o senhor ficou com os seus pais?

Ah, fiquei uma base de uns catorze ano. [...] Depois saí a trabaiaí aí por uma granja e trabaiaava de foguista, aí eu ajudava ele a dá de comida pros otros que ero mais moço. Eu trabaiaava pra ajudá ele. [...] Maquinista de maqui. [...] De maquinista eu trabalhei no Fernando Osório, trabalhei catorze ano, catorze ano eu trabalhei no Fernando Osório. No Rio Grande eu trabalhei oito ano na Suift. [...] Era [indústria] de carne, o matador, era no Anglo. No Anglo, trabalhei muitos ano lá, era dicostadore^m, dipois trabalhei na barraca de coro. [...] era frigorífico. Saí do Rio Grande e vim trabaiaí neste Anglo aqui, trabaiei em obra e dispois trabaieimo na... matança, neste Anglo daqui de Pelotas, no Anglo, trabaiei muitos ano.

O senhor chegou, antes disso o senhor trabalhou em alguma charqueada aqui?

Trabaiei na charqueada Pedro Osório aqui. Isso antes de surgir o Anglo, né? [...] A charqueada. Não tinha naquele tempo, matador de cavalo, aqui a sudeste, isso não tinha nada aqui dentro di Pelotas, isso aqui tudo era campo, isso eu conheci tudo campo, isso aqui era o corredô das tropa que

(m) Dicostadore: despostador.

nós entrava cuas tropa, aqui, e as charqueada que se entrava as tropa aí. Ansím que lhe digo, a minha história é grande pra le contá, aqui dentro di Pelotas não hai canto que eu não conhecesse, não trabalhasse. Me criei dentro di Pelotas.

O senhor conheceu outras charqueadas aqui?

Aqui dipois da... que triminô a charqueada Pedro Osório só existiu dipois no Anglo, o matador de cavalo. No matador de cavalo eu trabalhei. [...] era exportada a carne de cavalo.

Mas antes de falar da charqueada, o senhor falou primeiro que foi tropeiro, né?

Fui tropeiro. [...] Eu fui tropeiro uma base de quatro ano. [...] Trazia [as tropas] de Piratini, Canguçu¹², dois de Piratini, de Pinheiro Machado, tamém nós trazia tropa de lá. Lá de Piratini tamém, vinha tropa lá do Cancelão, nós trazia tropa aqui pro Anglo também. Isso a gente era campeado, depois tropero, no que trazia a tropa que entregava aqui quando a gente chegava lá já tinha otro chamado. [...] pra nós pegá otra tropa pra... mudá os cavalo e vim de volta (ha, ha). [...] De Piratini nós levava oito dia [...] chegando aqui na agríco, ou uns nove dia, conforme, se chovesse, muito, era nove, dez dia nós tava entregando a tropa.

E vocês, onde passavam a noite com o gado?

Ah, a gente botava o gado, naquela época tinha os... lugar da gente chegá com a tropa, piquete, manguera. Então a gente vinha, tinha os lugá certo pra gente, de saí por hipótese do Passo das Pedra nos já vinha chegá aqui no Capão do Leão, tinha guera. Saia daí já sabia que vinha ficá na agríca aqui, que daí agríca no otro dia o meio-dia nos tava entregando a... [...] A tropa, entregando aqui.

E as tropas variava assim o número da cabeças?

Ah, as tropa eram sempre a base de 180 boi, 160, era essa base assim.

E quantos tropeiros precisava pra conduzir essa tropa?

Oito, oito tropero, é oito tropero.

E como é que os tropeiros se organizavam pra tocar esse gado?

Ara, isso era ansím, isto por hipote, tinha um pontero, nós viajava, dizia pro pontero: tu vai na ponta, tal lugá nós vamo metê o gado. Tinha aqueles corredore, aquele tempo só viajava de carroça, então a gente metia a tropa num corredor, o outro fazia um fogo lá adiante, ele já levava a carne no... sirigoteⁿ. [...] Lá ele fazia o foguito dele, os de cá apitavam numa guampa. Já era pro cara tá previnido que a tropa já tava viajando já io empurrando a tropa, e o ponteiro... Alivantava, pulava a cavalo porque ele ali é que tinha sigurá a tropa que vinha boi brabo. Ele tinha que sigurá, as vez ele chegava a vim um boi metendo a aspa no... na anca do cavalo, batendo e o nego batendo o laço na aspa do boi. Era assim, naquele tempo existia boi brabo. A última tropa que trouxemo aqui nesse corredor matemo um boi, um zebu. [...] Carniemo, pra dá carne pro pessoal.

Escuta, e o pessoal que trabalhava de tropeiro era tudo de cor?

As vez era... era difícil vim um branco. As vez... é... era difícil. As vez era tudo moreno. Esses nego véio tronquero que eles era bom no... laço,

(12) Canguçu, Pinheiro Machado, Piratini, Rio Grande, Pelotas, Arroto Grande, Caçapava do Sul, São Lourenço do Sul, Camaquã e Santa Vitória do Palmar são cidades da Região Meridional do RS.

(n) Sirigote: serigote, espécie de lombilho (correias que substituem a cela) cujos cepilhos (parte mais alta da cela, na frente) são mais altos e de formato mais elegante do que os da cela.

bicho véio vaqueano! Já aqueles que não ero, aqueles vinha uma tropa já na otra ele não vinha. Não vinha, ah, já não vinha mais, ele via qualqué pixoteado, já não vinha, tinha que sê o bicho! A gente vinha domando o cavalo. Nós trazia, às vez, oito, dez cavalo chucro. Cada vez que nós viajava um pouco com aqueles cavalo de pontero, na frente, a coreiado, e o nego botava o laço num cavalo daqueles, botava as garra e o bicho saía berrando e lá adiante daqui a poco [...] já tava [...] domado. Ah, era ansim, domando. [...] Ah, fui domador, muito, até a mulher foi domador. Domava junto comigo. [...] era domadera de... domá, lavrá de cavalo, domá boi, isso tudo ela... conhecia ali pelas mão dela. Hoje tem medo (risos), é hoje ela tem medo.

E existe alguma técnica assim pra domar o cavalo?

Ora, isto aí é o... o cavalo a gente pegô ele, deu uns tirão pra lá, depois o indivíduo pega e, ele fica costeadado, fica costeadado, o indivíduo pega um mango, pega a dá na queixada, ou um casaco dando na quixada, dali a gente vai puxando ele, fazendo ele virá, ele cabestriá^o, aquela cosa. O mesmo trabalho ensina a gente já botá o laço que é prá ele tirá as cosca, já domá ele já de espora. Naquele tempo a gente usava cada espora de papagaio bem grande, que era pra podê cortá o vício (ha, ha, ha). [...] Se domava burro. Eu domava até burro. Até burro domava. É bicho bem... desgraçado é o burro. As vezes cravava a cabeça no chão ficava berrando com a cabeça no chão e não caminhava e corcoveando e, o pau tá comendo. É bicho bem desgraçado, às vez pra desempacá tinha que botá o cachorro, botava o cachorro, pegava o cachorro que pegava no beíço, pegava puxá ele, aí ele pegava a caminhá. Era ansim, o burro é bicho desgraçado (ha, ha).

(o) Cabrestia: aceitar o cabresto.

Tá bem. Quatro anos então de trabalho de tropeiro?

Quatro anos de tropeiro.

Bom, e as tropas, era o fazendeiro lá que vendia, como é que fazia o negócio, a questão do dinheiro e tal?

O dinheiro nós recebia. Vinha o capataz da turma, aqui nós pesava, a hora que entregava passava no escritório e recebia o dinheiro. [...] chegava lá entregava pro dono da tropa o gado. O dinheiro que deu, o peso, tudo direitinho, entregava o dinheiro pra ele ali ou tinha o capataz no caminho, ele pegava o dinheiro antes de chegá em casa já pagava todos os empregado, [...] No outro dia, mudavo de cavalo em casa, o negro ia tomando uma canha^p na guampa e já ia lá se encontrá. [Para voltar] levava três dia [...] Levava três dia, e dia de viagem, era três dia.

(p) Canha: cachaça.

Mas também vocês chegavam lá, já voltavam, era aquela luta?

A gente voltava em seguida já tava a tropa, já tava pronta, era só tomá conhecimento da tropa, contá. Se reunia e já nós tava com o gado na estrada, viajando, carniava um capão, cada um cortava um pedaço, e já botava em riba do... lombinho, aquele pedaço de carne que... cada um fazia o seu fogo pra comê a sua carne.

Ah, porque um ficava na frente...

É, porque tinha que um cuidá pra lá, otro cuidá lá, então cada um ficava fazendo um costeio.

Tá, e quando fechavam a tropa nas mangueiras, então ali vocês se reuniam, não é?

Aí a gente se reunia, aí ia pro galpão, fazê fogo, fazê chimarrão, tomá trago...[...] E contá causo, o que tinha acontecido no caminho o que não tinha acontecido, sempre tinha um causo.

Sempre tem causos daqueles bem engraçados também?

Ah, tem, isso, tropeiro tem causo. Chegô numa casa pra pedi água, chegô lá tinha uma guria, falô lá pra guria lá não sei o que, quis convidá ela pra vê se ela não queria viajá com nós, té, tem tudo essas bobage.

Sim, mas vem cá, não tinha umas mulheres aqui, outras lá no fundo, de verdade, também?

Tinha, a gente quando chegava botava a tropa na mangueira, dizia: agora vamo tomá um banho e vamo pra tal lugar. Ah, sais tranquilo, todo mundo, voltava de madrugada lá, quando chegava de madrugada no otro dia, enciava os cavalo do piquete, contava o gado e tava na estrada e a gente contava causo... e bebendo, eu bebia que vou lhe dizê: era um gambá.

Puxa, mas e depois, pra tocar o gado?

Ah, não, aí [...] Descansava. O nêgo vinha a cavalo, cavalo bom, já o indíviduo pegava e ia muntá nos bagal^q era num lugar que só tinha que é viajando pra frente e que era muito bem, os arame, bons, aonde era lugar de perigo que perigasse o gado dispará o senhor tinha que tê uma cavalo manso que se perigasse o boi pulá aí num campo, já tinha que pegá, pegava a tesoura, cortava o arrame e já tava lá dentro do campo, cortava o arrame. [...] Ah, tinha que pulá pra lá, cortava o arame. [...] Botava prá estrada, aquele arame ficava cortado, ficava aberto, seguia a tropa, viajando sempre... [...] Não tinha como pará. Ah, não parava, gado brabo, não parava, e si estraviasse um boi, a gente avisava o dono do campo e na vorta a gente vinha...[...] E juntava ele, botava num campo, deixava, quando vinha com outra tropa, [...] e... entregava, aí pesava separado aquele boi, aquele boi era pesado separado porque era d'outra tropa.

(q) Bagal: bagual, cavalo reprodutor, selvagem.

Pois é. E ficavam alguns filhos espalhados em cada... parada dessas?

Ah, em cada parada dessas ficava (risos), ah, ficava, quando ia levava retrato, aquela cosa toda, já ficava marcado, aquele dia: ah, tal dia, nós viemo com otra tropa, tal dia nós temo aqui. Tal dia já tava lá de novo. Ah, aquilo era uma cosa que não faiava.

Pois é. Tinha essa liberdade pro homem né? E pra mulher como é que ficava essa situação? A mulher não ficava falada?

Ah, ficava, ficava, ficava. Mas aquilo era... era uma cosa boa. [...] É ficavo freguês do... daquela turma conhecida, freguês. [...] Eram caso de... mulher da vida, mulher da vida.

Mas e falando nisso, quando uma moça assim numa família lá de Piratini ou aqui ficasse grávida como é que ficava essa situação pra ela?

Óia, as vezes, aí arrumava préla vim pra cidade, fazê que vinha se empregá e aí, arrumava uma casa, botava ela até ela criá aquela criança ou desse aquela criança e aí ela ia se libertá, ia pro serviço, pegá um serviço ou então ela voltava pra casa de novo. [...] Era o jeito que tinha, aquela criança dava, doava aquela criança...

[Nesta parte, que omitimos, a entrevista foi orientada para a descrição da estrutura e funcionamento da charqueada nas primeiras décadas do século XX]

Como é que era o casamento no seu tempo. Era casado na igreja, não era?

Na igreja naquela época não existia, era casado no... [...] civil, no cartório ou o dia de uma reunião. Tinha uma reunião, uma audiência, então aquelas pessoa não podia casá lá no cartório. Pra saí o casamento mais barato, então ia casá dia daquela audiência lá. Era ansim que era.

E como é que era o namoro naqueles tempos?

Naqueles tempo, o namoro era a mesma coisa de hoje.

Os velhos não cuidavam, não exigiam que ficasse meio longe da moça?

Não... Sempre... tinha aquele negócio de tá na janela, ah, namoro de janela, ah, ah. Um lá na janela, outro lá. Enquanto não tinha confiança, aquilo ansim de cara a cara, de lado não, não dava. [...] Só depois. Era na janela, era na janela, era ansim.

E quando é que o sujeito pensava em casar? Já tinha que ter certas condições pra casar, não era?

Ah, é, tinha. Se ele não tivesse boas condição, o véio não aceitava. Tinha... Pra casá uma guria, só com vinte anos, se não tivesse vinte ano não casava. [...] não casa com dezesseis, quinze não casava.

Como é que eram as diversões aqui em Pelotas, por exemplo?

Aquilo, é, aqui em Pelotas a gente tinha a casa dum amigo, então a gente se reunia. Então, tinha um que tocava violão, então a gente ia lá, passava uma noite dançando, bebendo, era ansim. [...] ia as guria. Avisava, umas avisava as otra, se combinava.

O senhor chegou a conhecer aqui em Pelotas algum clube?

Conheci, ah conheci!

Mas, e branco e preto podiam entrar no mesmo clube?

Não, não entrava, preto não entrava, qui esperança!

E os pretos tinham seus clubes também?

Tinham, tinha. Era separado.

E o senhor pegou aquele tempo da... da praça Coronel Pedro Osório, que negro não podia entrar?

Peguei. É me lembro, tudo aquilo daquela época eu vivi aí. Se lembro, oh! Não viu contá aquele tempo que teve aquela guerra dos alemão, aqui em Pelotas?

Segunda Guerra Mundial?

É mundial, que foi queimado casa, loja, foi tudo incendiado. Aquilo, aquela época eu tava aí. [...] vi a bugalha toda queimá. Botaro fogo, aquilo tudo incendiado.

Mataram gente também?

Mataram gente, tudo isso.

Deu tiroteio também, né?

Deu, isso tudo passô por mim.

O senhor sabe que eu li a história aí do seminário que conta isso também?

Ah, conta! Aquilo foi triste, foi triste, até o dia de hoje eu falo, aquilo não era pra tê existido, aquilo foi uma judiaria, gente que tinha ficado sem nada. [...] gente que tinha loja, as boas casa. [...] Só porque era alemão, tinha que queimá tudo. [...] ficaro gente na rua, foi triste. É foi. Aquilo foi violento, aquilo não era pra tê existido, aquilo, não era.

E da revolução de 23, aquela que seu pai participou, o senhor lembra alguma coisa assim, daquele tempo ou não?

Hã... lembro. [...] nós paramo no mato, os otro meus ermão tavo tudo na força, tinha levado, na época do Zeca Neto. Então nós morava, durmia no mato. Quando a força levantava, tinha um pra vim me avisá. Eu ia lá, aquela carne que ficava em riba do coro que eles não comio, eu ia lá e trazia pro mato pra dá comida pros meus ermão mais pequeno.[...] foi lá em Piratini, no tempo do Zeca Neto.

E o senhor chegou a ouvir ou contar, pelo menos, a respeito dos combates que se deram aí em Piratini?

Ah, aquilo, tudo... todo mundo sabia. A gente sabia, aquela época da minha idade, todo mundo sabia dos combate, das fita amarela, dos lenço branco, aquilo tudo, aonde se encontravo a bala comia, a bala comia. Aquilo foi brabo, siô.

E como é que eles pegaram seu irmão e levaram?

Aquilo, dipois de pegá um pegavo os otros, butavo tudo, levavo tudo a força, io tudo à força.

E o sujeito tava sujeito a morrer lá?

A morrê, ah é!

Teve algum dos seus irmãos que participou do combate aquele da fazenda, do combate, lá no fundo?

Ah, teve, teve, esse que eu perdi com cem ano, o otro que tá... que tá com uma base de noventa ano também, tem um que deve de tê noventa ano.

Ele peleou do lado do Zeca Neto?

É, foi, do lado do Zeca Neto.

Então foram eles que cercaram a casa?

É foi.

Ele lutou junto com o seu Idelbrando lá de... de Piratini?

Isto, isto mesmo (ha, ha).

Conheceu o seu Idelbrando?

Muito (ha, ha).

Sabe que ele fez 104 anos agora?

É, fez.

Uma semana depois que eu fiz uma entrevista com ele, ele entrou em estado de coma, acho que já morreu. Contou muito das histórias aí. Já tô lhe judiando, né?

Não, mas otra hora o senhor aparece.

O seu Antenor, a minha última pergunta é a seguinte: o senhor tem, o senhor tá morando nessa propriedade aqui que é uma casa antiga, de

antigos proprietários, e o senhor lembra quem era o dono desta casa aqui ou, pelo menos, os últimos donos?

Ah, os últimos dono, não alembro, quando eu vim pra cá já era morto.

O senhor está aposentado hoje, quanto o senhor recebe de aposentadoria?

Aposentadoria por enquanto, agora, esse mês que vem nós vamo pegá a recebê um salário, de aposentado rural. Não foi por o INPS, eu tinha perdido a minha carterá do INPS, então me aposentei por idade, rural. [...] Com meio salário. [...] Depois de todos esses anos de trabalho! Depois ele me deu, eu fui num advogado, o adevogado me expricô: tu vai no INAMPS que o teu desconto tá todo lá. Não precisa tu tê a carterá, que eu trabalhei em diversas companhias longe, ficava em Porto Alegre, pra i buscá isso em fora. Aí já eu tinha mandado os papel pra Porto Alegre digo: não vô entrá não, vô me aposentá aí pelo rural mesmo, mais tá miorando, tá miorando (risos), tô por um rural, por u rural.

E como é que dá pra ir levando a vida assim, tem alguma dificuldade?

Ah, a gente tem dificuldade, tem que trabaia pra recebê isso fim de mês, então eu vivo fazendo um biscatezinho, trabaia na horta. Aí eu vendo um môio de cove, ali eu vendo um temperinho verde. [...] Planto um feijãozinho, tem pa comê e ali vai vivendo.

A sua mulher tem que trabalhar também?

Trabaia na fábrica, é aposentada e trabaia na fábrica. Tem que trabaia. Sai daqui quatro horas da madrugada, tá indo pra pegá serviço, quatro hora da madrugada.

Bom. Muito obrigado então seu Antenor.

Merece. Merece.

Recebido para publicação em agosto de 1993.

Mario dalla Vecchia é professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas.

Novos Estudos
CEBRAP

Nº 37, novembro 1993
pp. 83-102
